

A construção social da virilidade e a (re)produção do ódio às mulheres em sociedades hiperconectadas

TÂNIA MARA PEREIRA VASCONCELOS*

Em março de 2019, a ocorrência de um massacre em uma escola estadual na cidade de Suzano (SP) deixou dez mortxs e várixs feridxs e teve grande repercussão midiática. Na mesma semana, um atirador na Nova Zelândia matou 49 frequentadores de uma mesquita, transmitiu um vídeo do ataque em uma rede social e deixou um manifesto defendendo a supremacia branca. O terrível fenômeno dos atiradores em massa tem despertado a atenção de especialistas de diferentes áreas que buscam compreender suas causas e características.

Após o atentado de Suzano, alguns artigos veiculados na internet relacionavam esse tipo de episódio com a chamada “crise de masculinidade”, uma vez que a principal característica comum a todos os casos é o sexo dos perpetradores, o masculino. Outras semelhanças entre as diferentes histórias foram observadas: a maioria dos atiradores era jovem, possuía dificuldade de inserção social, acumulava algum tipo de ressentimento agudo e tinham fetiche por armas de fogo; eles partilhavam também discursos muito parecidos associados a valores conservadores difundidos pela extrema direita, que atualmente têm crescido no mundo. Esses discursos tem como marca principal o ódio às minorias, especialmente às mulheres, e apelam para a vitimização dos homens brancos heterossexuais devido a uma perda de status provocado por mudanças sociais diversas.

* Professora Assistente da UNEB/Campus V e Doutora em História (UFF).

A comunicação se propõe a discutir a construção social da virilidade, relacionando-a à atual onda de misoginia, fomentada em fóruns virtuais formados por homens que cultuam valores de extrema direita. De acordo com Corbin, o século XIX europeu marcou o apogeu da valorização social da virilidade. O dismorfismo sexual afirmado pelas ciências biomédicas fundamentou hierarquias de gênero como leis inexoráveis da natureza. Além disso, os nacionalismos e o colonialismo reforçavam valores viris como o antissentimentalismo, a coragem, a busca da glória e o sacrifício em nome da pátria, ao mesmo tempo em que a legislação revestia o homem de autoridade no seio da família. O século XIX também foi o século do sufrágio, movimento que, de acordo com Virgínia Woolf, levou os homens a se sentirem desafiados, despertando-lhes o desejo de autoafirmação que os levou a enfatizar, rancorosos, a “inferioridade feminina”.

A pandemia de ódio e violência contra mulheres que vivemos atualmente, não apenas no Brasil, revela a explosão de uma nova misoginia, que embora seja marcada pela permanência de valores arcaicos, adquire contornos novos com o uso crescente das redes sociais. O fundamentalismo masculinista, fomentado em fóruns de internet, tem canalizado antigos rancores e se manifesta como uma reação à emergência dos novos feminismos; sua marca principal é o desejo de silenciamento das mulheres pelo uso da violência.

Retorno do culto a valores fundados no século XIX... modelo de virilidade - Sec. XIX — O triunfo da virilidade - Alan Courbin: "A coragem, e mesmo o heroísmo, o saber morrer pela pátria, a busca da glória, a necessidade de superar qualquer desafio se impõe a homens a quem a legislação reveste de autoridade no seio da família."

Como as sociedades hiperconectadas ampliaram o alcance do desejo de reafirmação da virilidade, associa elementos modernos a valores anacrônicos...parte

do princípio de que os homens tem direito à posse de mulheres, que mulheres não são sujeitos com direito de decidir sobre seu próprio corpo - suposto direitos dos homens... e sua relação com a necessidade de afirmação ... o medo masculino

A virilidade tem como um dos princípios o domínio dos homens sobre as mulheres, a que se deseja transformar em objeto de posse; daí a honra masculina ser frequentemente vinculada ao comportamento delas, à capacidade de controle sobre seus corpos.

O poder/saber médico científico -- gênero e raça - Interseccionalidades – lugares de poder e saber

Poder médico científico – se volta para o corpo da mulher : Mudança de enfoque – diferenças físicas irredutíveis, leis inexoráveis da natureza, desigualdades inscritas n:os corpos x defesa dos direitos civis das mulheres

- Natureza patológica da mulher – histeria
- discursos misóginos em várias áreas do conhecimento – justificação das diferenças
- Gênero e raça – homem branco europeu – modelo de perfeição

A Construção social da virilidade

Sec. XIX — O triunfo da virilidade - Alan Courbin: "A coragem, e mesmo o heroísmo, o saber morrer pela pátria, a busca da glória, a necessidade de superar qualquer desafio se impõe a homens a quem a legislação reveste de autoridade no seio da família."

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Contexto que reforça a normatização desse modelo: surgimento do serviço militar obrigatório (Estado moderno), multiplicação de lugares de frequência exclusivamente masculina, a prática dos duelos, a expansão colonial

- O poder/saber médico científico - a construção social das diferenças – gênero e raça
- Interseccionalidades – lugares de poder e saber

Poder médico científico – se volta para o corpo da mulher - Mudança de enfoque – diferenças físicas irredutíveis, leis inexoráveis da natureza, desigualdades inscritas nos corpos x defesa dos direitos civis das mulheres

- Natureza patológica da mulher – histeria - discursos misóginos em várias áreas do conhecimento – justificação das diferenças

- Gênero e raça – homem branco europeu – modelo de perfeição –

- Supervalorização do pênis, da penetração da ejaculação e do esperma

A virilidade não constitui uma simples virtude individual. Ela ordena, irriga a sociedade, cujos valores sustenta. Ela induz efeitos de dominação (...) constitui um conjunto de qualidades morais que lhe convém adquirir, preservar, e da qual o homem deve saber dar provas.

(...) aquele que não tem estofo de **herói**, aquele que não demonstra **ambição**, aquele que é indiferente à **fama**, ao prestígio dos ornamentos, aquele que não se envolve em **competições** porque não procura **superioridade**, aquele que não sabe **controlar suas emoções** (...), aquele que não cede ao **cortejo das mulheres**, aquele que transa sem ardor, aquele que não participa dos **abusos grupais**, todos esses carecem de virilidade

Código – implica o seu domínio sobre o Outro, homens em lugares inferiores e mulheres - Poder e violência - Pavor masculino – negação do feminino

Corbin - Fim do século – sistema de valores obsoletos – fardo da virilidade

Ao analisar “o duelo e a defesa da honra viril” na Europa no século XIX, François Guillet destaca que a honra se apresentava como a essência da própria virilidade, modelando a condição masculina e impondo a sua lei; porém, enquanto a honra masculina está associada à autoestima e à ética de conduta, a feminina, permanece limitada à pureza sexual cujo pudor é a principal manifestação e cuja perda coloca em perigo o capital de honra da família. Esse capital são os homens que devem conservar, protegendo de afronta os membros da família colocados sob sua dependência (...) (2013, p. 110).

Contexto que reforça a normatização desse modelo: surgimento do serviço militar obrigatório (Estado moderno), multiplicação de lugares de frequência exclusivamente masculina, a prática dos duelos, a expansão colonial

Século XIX – triunfo - guerra, heroísmo, pátria, submissão feminina

A construção social da masculinidade tem como um dos princípios o domínio dos homens sobre as mulheres, a que se deseja transformar em objeto de posse; daí a honra masculina ser frequentemente vinculada ao comportamento delas, à capacidade de controle sobre seus corpos por parte de pais, irmãos, maridos e namorados

A mentalidade misógina, que faz com que homens considerem mulheres sua propriedade e objeto natural de uma sexualidade masculina exacerbada e violenta, fundamenta a cultura do estupro.

A ostentação da conquista sexual bem como do poder econômico faz parte de um modelo de masculinidade predatória, que garante aos homens o domínio físico e simbólico das mulheres, especialmente das pobres e não brancas, vistas como simples objetos de prazer.

Ela está associada a um modelo de masculinidade predatória, de acordo com a qual o prestígio masculino está associado ao número de “conquistas” sexuais. Alain Corbin ao analisar um dos ideais de virilidade do século XIX, relacionado à manifestação da energia sexual, aponta o antissentimentalismo e o vigor sexual como suas principais características: A necessidade de foder é considerada, na intimidade masculina, um elemento constitutivo essencial da virilidade O homem viril deve “ter” mulheres, deve “possuí-las”, no sentido pleno da palavra, ou seja, ele deve “gozar” e “usufruir” delas, mantê-las “na sua mão”.

- Terrorismo psicológico: pessimismo, ameaça e medo (comunismo, fim da família... – o outro – um inimigo a combater) – saudosismo de um tempo idílico que de fato nunca existiu

Virgínia Woolf na década de 1920 escreveu um famoso ensaio no qual destacava o privilégio masculino - ódio mortal as feministas, discutido por V W:

Nenhuma época pode ter sido tão consciente do sexo, de forma tão aguda, como a nossa (...). A campanha pelo sufrágio, sem dúvida teve parte nisso. Deve ter despertado nos homens o desejo de autoafirmação; deve tê-los feito enfatizar o próprio sexo e as suas características, no que eles não precisavam pensar se não tivessem sido desafiados. E quando alguém é desafiado, mesmo que seja por umas poucas mulheres usando boinas pretas, há retaliação, e, se essa pessoa nunca tiver sido desafiada antes, das pesadas.

(...) parecia absurdo, pensei (...) que um homem com todo esse poder estivesse com raiva. Ou, ponderei, a raiva é de alguma forma o usual, o espírito auxiliar do poder? Os ricos, por exemplo, ficam bravos com frequência porque desconfiam que os pobres querem se apoderar de sua riqueza. (...) É possível que, quando o professor insistiu de forma um pouco enfática na inferioridade das mulheres, ele estivesse preocupado não

com a inferioridade delas, mas com sua própria superioridade. Era isso que estava protegendo de maneira um tanto destemperada e com tanta ênfase, porque era para ele uma joia do mais raro valor. (...)

- Sem autoconfiança somos como bebês... A forma mais fácil de adquirir essa qualidade imponderável... pensando que as outras pessoas são inferiores. As mulheres têm servido há séculos como espelhos com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. (...) Seja qual for o seu uso nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as ações violentas e heroicas. É por isso que tanto Napoleão quanto Mussolini insistiam na inferioridade das mulheres, pois, se elas não fossem inferiores, eles deixariam de crescer. (...) Como ele continuará a fazer julgamentos, civilizar nativos, criar leis, escrever livros, vestir-se bem e discursar em banquetes, a menos que consiga ver a si mesmo, no café da manhã e no jantar com pelo menos o dobro do tamanho que realmente tem?

- Privilégio de quem não precisa pensar sobre as diferenças... lugar de poder, homens brancos

- Crise da masculinidade - eterna

Fascismo, momento de crise – vitimização e culpabilização dos grupos que buscam romper com antigos lugares de subordinação. Compreender historicamente

Beavoir – momento de crise

Busca por direitos dos grupos historicamente subalternizados

A utilização das redes sociais tem potencializado a busca por notoriedade de grupos caracterizados como masculinistas. Grupos extremistas de internet, Fetiche por armas; Fundamentalismo masculinista - cresce conservadorismo político profundo e extremista e o ódio em relação à sociedade e comunidade onde viviam. Também que

eles possuem um determinado padrão de comportamento. A execução do plano segue um roteiro

Outra característica importante: eles costumam ter acesso a armas e/ou fetiche por elas. Perda de privilégio – gênero, classe e raça - Hegemonia branca e misoginia se associam.

A posse do homem sobre o corpo da mulher constitui uma das prerrogativas da masculinidade hegemônica, tendo sido historicamente legitimada pela própria legislação.

Soihet defende o caráter interclassista da violência masculina contra mulheres, apontando como a alegação de ciúme procura encobrir uma lógica patriarcal, que estabelece a posse masculina sobre o corpo feminino:

(...) Numa avaliação apressada considerar-se-ia que o “ciúme” seria o principal móvel dos conflitos entre homens e mulheres das camadas populares. Ciúme que se manifestaria, no caso dos homens, entre outros, ao serem abandonados, ao verem sua ex-companheiras ou esposas com outra companhia masculina ou ao terem recusadas suas propostas de relacionamento sexual.

Na verdade, tal comportamento expressa muito mais a pretensão de considerarem o corpo da mulher como um objeto de sua propriedade. E, esta não é uma crença específica dos homens pobres, igualmente, no caso das camadas mais favorecidas, os mesmos condicionamentos culturais estão presentes. Assim, uma das explicações é de que, na medida em que é dado ao homem o direito de extravasar sua agressividade “natural” sobre os objetos de sua propriedade e sendo o corpo da mulher considerado uma propriedade sua, este se constitui no local próprio de extravasamento da agressividade masculina. (2002, p. 278).

Albuquerque Júnior aduz a fragilidade da masculinidade hegemônica, submetida eternamente ao julgo dos outros homens, numa relação de competição e insegurança:

A masculinidade soberana e poderosa não aceita nenhuma prática ou modelo alternativo de comportamento para homens e mulheres. (...) A competição entre os homens faz da masculinidade uma espécie de atributo que para se ter deve-se retirar do outro. Para afirmar-se homem deve-se sempre desqualificar, rebaixar, vencer, derrotar, feminilizar um outro homem. Os homens estão sempre desconfiando da masculinidade uns dos outros, colocando-a em suspeita, fragilizando assim esta identidade que aparentemente parece ser tão inquestionável. (2010, p. 29)

- Década de 1920 – ascensão do fascismo - "A guerra é para o homem o que a maternidade é para a mulher" Mussolini

Menino veste azul e menina veste rosa (Damares Alves) – Cortina de fumaça???

- Lógica Neoliberal e perseguição aos estudos de gênero

Massacres na atualidade: mística da virilidade fascista em sociedades hiperconectadas

- bullying ou problemas mentais? - complexidade
 - O que atiradores em massa tem em comum? o sexo
 - crise de masculinidade - parte da guerra contra mulheres e outras minorias
 - fundamentalismo masculinista – ressentimento - delírio – poder das mulheres
- ditadura gay...
- Mais de 60% das vítimas de matanças deste tipo são mulheres e meninas.
 - Fetiche por armas - Fantasia – sentimento de potência

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- ideal da supremacia branca – questionamento do seu lugar de privilégio – terroristas - *documento de 72 páginas, o terrorista ataca os muçulmanos e diz pretender criar “uma atmosfera de medo” para os imigrantes*
- vingança pela “escravidão de milhares de europeus tirados de suas terras por escravocratas islâmicos” e “pelos centenas de milhares de mortes provocadas por invasores contra europeus ao longo da história”. – inversão – lugar de vítimas
- Conservadorismo – mística do guerreiro – suicídio - autoimagem 'gloriosa'
- Novidade: Sociedade do espetáculo – internet

- Esses jovens atiradores tinham como ídolos o atirador do Massacre de Realengo , que matou 12 pessoas, sendo 10 delas meninas, também Idolatravam os autores do atentado na escola de Columbine , nos EUA , alimentavam o ódio a professores e intelectuais , e também tinham como duas referências dois homens membros do grupo Homini Sanctus ("Homens Santos") , um grupo de homens de extrema direita, misóginos , fundamentalistas cristãos e odiadores de mulheres, que passam seus dias agredindo e ameaçando de morte centenas de mulheres na internet , um deles preso recentemente e condenado a 41 anos de prisão. Histórico... condenado por racismo virtual... Contradição...

-fundou o grupo Dogolachan após sair da cadeia, o maior fórum de propagação de ódio na internet brasileira - tem milhares de seguidores e alimenta há anos o culto às armas, a agressão aos intelectuais e professores, às mulheres(nós, segundo eles, somos culpadas por não quisermos nos relacionar sexualmente com esses "homens sanctos "

- Esses grupos de extrema direita repleto de ódio às mulheres nasceram nos EUA, onde são chamados de " incels " (involuntary celibats) , celibatarios voluntarios)

- 2018, atiradores em escolas deixaram 113 pessoas mortas ou feridas. O país registrou, em média, um massacre a cada oito dias do calendário escolar.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- Na última quinta-feira, um dos atiradores supostamente publicou um agradecimento ao administrador do fórum, dizendo: . "Muito obrigado pelos conselhos e orientações, DPR. Esperamos do fundo dos nossos corações não cometer esse ato em vão."... ato foi comemorado no grupo... segunda Lola Aronovich (perseguida por esse grupo) massacres desse tipo já eram anunciados nesse grupo há muito tempo.

Temos que chamar o massacre de Suzano pelo seu nome real. Um atentado terrorista cometido por jovens membros de grupos de extrema direita que propagam misoginia , racismo e assassinatos nas redes.